

Segundo Carlos Kawall, do Safra, o movimento de **taxas de juros** mais baixas não é passageiro. No entanto, ele pondera que os clientes do **private** não compartilham da mesma visão: "há relutância deles em aceitar que o movimento de queda de juros veio para ficar", afirmou em painel do **7º Seminário de Private**, que acontece nesta quarta-feira, dia 11, em São Paulo. O motivo são as lembranças do passado: os investidores se recordam de quando a Selic começou a cair no final de 2011 e logo voltou a subir em 2013.

[+ Leia na íntegra o discurso de Carlos Ambrósio, nosso presidente, na abertura do evento](#)

Os ganhos com investimentos não são os mesmos com a taxa de juros mais baixa. Mas será que os clientes estão preparados para tomar mais **risco** na busca por maior rendimento? "É fácil ser conservador quando se tem 14% do CDI", brincou Gustavo Arruda, do BNP Paribas. Para ele, o desafio agora é também dos bankers e não se limita a apenas explicar o momento ao cliente, mas também a encontrar saídas, sempre de acordo com o processo de suitability, para que ele possa receber o rendimento que estava acostumado e garantir a **diversificação** do portfólio. No entanto, é preciso limitar a animação que surge com a valorização dos ativos de maior risco. "É importante não criar aversão ao cliente aos ativos de risco. Se ele for rápido demais e não tiver rentabilidade, pode não topa mais investir nestes ativos para sempre", disse Arruda. Para Luiz Severiano, do Itaú Private Bank, é preciso também conversar sobre o ponto de vista fiscal: "pode ser que o cliente tenha que mudar o modelo de vida dele e não apenas o portfólio", disse.

[+ Confira nosso e-book gratuito "Juros a um dígito"](#)

Cassiana Fernandez, do JP Morgan, explicou pontos estruturais sobre a mudança dos juros. Na média das últimas décadas, os bancos centrais do mundo cortaram quatro pontos base da taxa de juros. Algumas das razões para os cortes são a queda da produtividade e a mudança demográfica. "O PIB está caindo e a expectativa de vida é maior, fazendo uma realocação de propensão a consumir. Tudo isso tem ajudado a reduzir o juro real", explicou.

Mas a expectativa não é que o Brasil chegue aos juros reais próximos a zero ou negativos, como já acontece em outros países do mundo. Se nos Estados Unidos há muita poupança e poucas oportunidades para investimentos produtivos, no Brasil o panorama é outro. "O Brasil tem muita capacidade de liderar um ciclo de crescimento, especialmente em investimentos produtivos em áreas como infraestrutura, petróleo e gás. Há horizonte e demanda nestas áreas", opinou Kawall.

Os juros próximos de zero e a disputa comercial entre China e Estados Unidos fortalecem o dólar e a taxa de câmbio. Esta é uma variável de decisão importante para os clientes do private. "No Brasil, subimos a projeção de dólar mesmo após a aprovação da reforma da previdência", disse Kawall sobre o impacto do ambiente externo. As projeções dos participantes do painel para o dólar no final do ano foram divergentes, passando de R\$ 3,80 até R\$ 4.

Neste novo cenário, talvez seja a hora dos economistas incorporarem outras variáveis em seus modelos econométricos (ferramenta estatística feita para projetar variáveis econômicas). Uma delas é a demografia. "Apesar de crescer devagar, é uma tendência que ajuda a explicar o juro de longo prazo", exemplificou Arruda. Para Cassiana, o papel do economista é ter sensibilidade para revisar esses modelos, mas não apenas isso. "Modelos são fundamentais, são ferramentas importantíssimas, mas quem está atrás da 'maquininha' também é essencial", disse.

Fonte: [ANBIMA](#), em 11.09.2019.